

## **O RELATÓRIO DE RAUL PREBISCH: A ORDEM RURAL COMO EIXO NA DESVALORIZAÇÃO DOS ARTIGOS DE EXPORTAÇÃO (1949).**

### **RAÚL PREBISCH'S REPORT: THE RURAL ORDER AS THE AXIS OF THE DETERIORATION OF THE TERMS OF TRADE (1949).**

Bruno de Almeida Gambert<sup>1</sup>

**RESUMO:** Para recém-inaugurada Comissão Econômica para a América Latina, uma secção regional da Organização das Nações Unidas, Raul Prebisch escreveu o relatório intitulado “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns dos seus principais problemas” em 1949. O documento esteve em análise na reunião de Havana, capital cubana. A mensagem se estabelece como um divisor de águas para os estudiosos interessados nas questões industriais impulsionadas pela periferia do sistema capitalista, pois concentra a ênfase na teoria da perda de valor dos artigos primários no comércio internacional. O presente artigo se propõe a abordá-lo com uma perspectiva que recupera os sentidos da época na qual foi publicado, o analisa e questiona as temáticas rurais latino-americanas que são hegemônicas e se delineiam na elaboração do processo de substituição de importações sugerido pelo intelectual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raúl Prebisch; Informe 1949; Hegemonía Agroexportadora.

**ABSTRACT:** For the newly inaugurated Economic Commission for Latin America, a regional section of the United Nations, Raul Prebisch wrote the report entitled “The economic development of Latin America and some of its

---

\*O artigo se insere nos estudos do Pós-doutorado Latino-americano financiado pelo CONICET e em curso na Universidade Nacional de Quilmes. Agradeço a orientação da Dra. Noemí Girbal-Blacha no *Centro de Estudios de la Argentina Rural* e sou grato ao Dr. Javier Walter Ghibaudi e a disciplina Pensamento Econômico Latino-americano na Universidade Federal Fluminense.

<sup>1</sup> Pós-doutorando na Universidade Nacional de Quilmes, bolsista do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, CONICET. Doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, especializado na área de América com ênfase em História Comparada entre Brasil e Argentina. Email: dealmeidagambert@gmail.com

main problems” in 1949. The document was under analysis at the meeting in Havana, the Cuban capital. The message establishes itself as a watershed for scholars interested in industrial issues driven by the periphery of the capitalist system, as it focuses on the theory of the loss of value of primary articles in international trade. The present article proposes to approach it with a perspective that recovers the meanings of the time in which it was published, analyzes and questions the Latin American rural themes that are hegemonic and that are outlined in the elaboration of the import substitution process suggested by the intellectual.

**KEYWORDS:** Raúl Prebisch; Report 1949; Agro-export hegemony.

### Introdução

A CEPAL se institucionalizou em 1948 e em meio aos impactos resultantes do período de reorganizações política e econômica que sucedem a Segunda Guerra. Raul Prebisch, economista reconhecido pela implementação do Banco Central argentino e por atuações profissionais no México e na República Dominicana, redigiu um relatório que se tornou uma peça chave no pensamento econômico latino-americano. Ele criou uma vertente na qual se somou uma geração nova de economistas nos anos posteriores. Obteve relevância de maneira que as menções a sua publicação são abundantes extrapolam seu círculo profissional e imprimem uma marca na produção das ciências sociais até a atualidade. “O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas<sup>2</sup>” inicialmente elaborado em Santiago do Chile para ser debatido em reunião em Havana, em Cuba, em 14 de maio de 1949, tornou-se um manifesto em favor da industrialização que se consagra e se instituí como ícone alusivo a uma das formas de incentivo governamental à produção fabril em espaços periféricos.

Raul Prebisch se mostra atento às dinâmicas internacionais e às questões de seu tempo concernentes aos anos nos quais se forma e inicia a carreira profissional. As ferramentas cognitivas atreladas ao centro do sistema mundial não correspondiam aos embates locais, sendo assim, ensaiou-se o momento no qual a periferia formula um pensamento econômico divergente. O

---

<sup>2</sup> O título original: *El desarrollo económico de la América Latina y sus principales problemas*, Prebisch (1949).

relatório consiste em um dos instantes que perpassam a mudança paradigmática na perspectiva de como as classes dirigentes latino-americanas e dos países não-desenvolvidos percebem sua inserção comercial. Constantemente, os cientistas sociais, especialmente os interessados em temáticas regionais, se dedicam à leitura em questão. Os preceitos ali contidos perduram por décadas, experimentaram novas formulações em uma das quais, anos à frente, a teoria da dependência inicia seus passos. Cardoso e Faletto (1967, p.4) citam o relatório de Prebisch como um ponto de partida para suas análises, uma evidência da recorrente menção ao economista argentino reforçada pelos estudiosos brasileiro e chileno.

A leitura do relatório 1949 revela desgastes cronológicos e se torna menos clara a compreensão de um documento já permeado por signos que se alteram após décadas de sua escrita. Ilustra-se através de uma metáfora na qual o percurso temporal acinzentava o retrato do mundo do pós-guerra, como uma fotografia visível em sua época, mas que, depois mais de um quinquênio, perde a nitidez de seus contornos, sendo necessário esforço para desvendar os perfis da imagem, a compreensão em moldes mais coerentes com sua origem se condiciona ao afunilamento pelo qual é revisitada. Em comparação ao exemplo mencionado, o presente artigo busca a silhueta inicial do documento e o indaga com a premissa de ser composto pelos valores da hegemonia agroexportadora. A preservação das estruturas seculares de poder é sinalizada na construção dos preceitos de transição para aquilo que o momento assinala como seu destino, a sociedade industrial.

A perda de valor dos artigos primários de exportação é o tópico pelo qual se resgata o informe. A queda de preços dos gêneros agrícolas e as atividades mineradora e petrolífera assumem protagonismo no cenário. A proposta aqui apresentada perscruta temas já frequentados por investigadores argentinos, como o ciclo agroexportador e os acordos entre os Rio-platenses e a praça cêntrica, a Inglaterra. Singularidades da história agrária azul celeste e branca se assomam ao esclarecimento do tema, assim como, abrem um novo campo elucidativo de particularidades na teoria de Prebisch. As nuances do

mundo rural em âmbito nacional estão entre as preocupações que compõem a visão de mundo do mencionado intelectual e, por esta razão, recuperam-se vivências referentes ao local no qual estabelece relações de pertencimento. As experiências coletivas são fundamentais, posto que os modelos de inserção da Argentina e da América Latina nos mercados de venda de produtos primários tem centralidade em sua apreciação crítica. Se observam contornos pessoais, locais e regionais de um relatório construído numa localidade em que posteriormente ganha corpo e fundamenta as interpretações dos intelectuais latino-americanos em escola relevante de circunscrição internacional.

Desde já, saliento que a proposta biográfica está excluída, pois as afirmações do presente estudo se direcionam a uma das ações empenhadas em 1949. Resgatam-se informações em torno do ambiente social que frequenta durante a escrita do texto em análise, visto que, no período posterior a tal data, o personagem avança por caminhos distintos ao apresentado na ocasião e são externos ao escopo analítico do artigo. Antes de averiguar a obra convém revisar estudos relevantes à temática. Por via de regra, alude-se ao documento em apontamentos breves nos quais sobressaem as preocupações com a queda contínua dos valores dos produtos primários no mercado de exportação, a industrialização e o progresso técnico. Algumas pesquisas apenas o mencionam pontualmente ou se dedicam à produção bibliográfica de economistas, outras, por sua vez, concentram-se, especificamente, no relatório.

A citação de João Manuel Cardoso de Mello (1988, p.21) no capítulo inicial d' *O capitalismo tardio* se localiza em meio às análises políticas cepalinas. A referência evidencia a urgência da industrialização como um meio de captar o ganho de produtividade que conduz ao desenvolvimento. Em outra obra, "*El desarrollismo*," de Julio Nosiglia (1983, p.15) há um espaço pequeno reservado à teoria de Prebisch sob uma perspectiva comum aos seus apreciadores cujo debate abarca a tendência à perda de valor nos produtos primários, desdobrando-se, em menor protagonismo, entre as sociedades agroexportadoras. Vale ressaltar que ambos os autores ilustram o aspecto

secundário das menções ao escrito prebichiano, possivelmente, a maneira mais usual de encontrá-lo.

Uma análise retrata a trajetória extensa de produção acadêmica, fixa um ponto inicial nos anos da crise econômica de 1929 e estabelece a publicação de *Desenvolvimento e Dependência* (1981) como ponto longevo da produção de seu saber. Em tese de doutorado, Adriana Lopes Torres (2016, p.28) identifica traços de originalidade no pensamento de Raul Prebisch. Inicialmente, a pesquisadora ressalta os escritos de um economista alinhado à tendência neoclássica e a matriz teórica ortodoxa que norteou os primeiros passos. Entretanto, o relatório (1949) é identificado como Manifesto pela Industrialização e interpretado a partir de uma movimentação em direção a um saber distinto ao de sua formação. Torres destaca aspectos da inserção profissional do economista argentino, a visita à sede da Organização das Nações Unidas em 1948 e a má recepção por parte dos locais. No momento, duvidava-se da qualidade dos pensadores latino-americanos para examinar sua própria economia, acreditava-se que a tarefa deveria ser realizada por teóricos europeus e estadunidenses ou, quando efetuada por indivíduos desta região, houvesse uma supervisão dos pensadores do norte.

A. L. Torres salienta os termos já consagrados da teoria de perda de valor dos produtos rurais na qual o desenvolvimento corresponde ao progresso técnico que impulsiona a melhoria das condições de vida da coletividade, considerada pelo autor como massas urbanas. Por outro lado, as singularidades do poder estadunidense e o cenário mundial de troca de hegemonia Inglaterra - Estados Unidos recebem abordagem pontual. Os estudos que releem o relatório se inclinam a estudá-lo de acordo com as relações internacionais específicas da conjuntura, de forma que os movimentos de política externa adquirem relevância. A obra ressalta o aspecto emancipatório do personagem, posicionando-o como porta-voz do pensamento econômico regional e assinalando, conseqüentemente, sua atuação nos domínios do progressismo (TORRES, 2016, p.36).

Edgar Dosman responde por uma das publicações mais mencionadas a respeito das especificidades do relatório de 1949. Recupera as correspondências profissionais que antecedem a publicação do documento cepalino, conecta-se aos momentos nos quais o argentino enfrenta embates na ONU e presencia as demonstrações de rejeição para com os economistas latino-americanos. Em breve recuo temporal, Dosman sustenta que Prebisch já se encontrava inclinado a enfatizar a queda dos preços de exportação dos produtos rurais e sustenta a afirmativa ao mencionar uma publicação de 1943, “*La moneda y el ritmo de la actividad económica*”. No manuscrito, a análise das exportações transpassa os contornos empregados em sua teoria posteriormente. No momento, o conflito europeu mundial ganha centralidade e as vendas de bens agrícolas eram bastante requisitadas no exterior, o que revertia a tendência identificada de declínio de preço. Logo, era mais propício comunicá-la no fim da década, visto que a percepção de deterioramento se aguçava. Na conclusão, refere-se ao argentino como perpassado pelo pouco apreço à aristocracia local, indivíduo que cresceu cercado de latifúndios canavieiros (Tucumã) e por indígenas empregados em relações de trabalho exploratórias análogas à colonial. Expõe um Prebisch que se esforça por modificar o ambiente e, desta maneira, antagoniza com as classes oligárquicas (DOSMAN, 2001. p. 94; 103).

Em sintonia com seu tempo, o intelectual se torna adulto numa Argentina regida pelos agroexportadores e ali estabelece relações de dualidade. Ao mesmo tempo em que tenta integrar-se profissional e academicamente no sistema aristocrático, empenha-se em superá-lo. Observa-se tal conflito a partir do conteúdo recortado em seu relatório. Embora contenha dados que promovem uma convocação à industrialização por substituição de exportações, apresenta-se contrário ao modelo de vendas de matérias primas de livre comércio. Portanto, a forma pela qual a substituição ocorre respeita a ordem hegemônica naturalizada que vê seus interesses assegurados e endossados. Nota-se, então, uma perspectiva temporal de décadas nas quais se revisitam valores que perpassam o viés agroexportador e se recuperam as marcas de longa duração.

O exercício analítico é desafiador pela relevância do autor e de sua obra, pois Raul Prebisch foi um economista de prestígio internacional. Com o fim de aproximá-lo aos moldes pelos quais os integrantes das classes abastadas nacionais conduzem a política econômica, em termos metodológicos, recorre-se à voz do parlamentar da Democracia Progressista, Lisandro de la Torre, pilar conservador erguido e fortificado nos intermédios da década de 1930. O intelectual empregado na administração pública e o deputado oriundo das classes privilegiadas possuem interfaces em suas visões de mundo. O contraste das narrativas dos personagens em conjunto com a análise do texto de lei resultante do acordo entre Roca e Runciman contribuem para construir um cenário internacionalizado. Entende-se que a liderança inglesa está em queda e, junto com ela, um de seus principais sócios na América Latina, a Argentina. O vínculo bem-sucedido entre ambos, por décadas, é dificultado com possibilidade de ruptura.

O presente artigo preenche uma lacuna referente ao pensamento econômico do intelectual latino-americano. Acredita-se que há uma demanda de apreciação do manifesto não só em seu intervalo temporal, mas também em seus valores de época. Digo, a importância de resgatá-lo descortina um cenário rico no qual se pensou a inserção econômica das periferias considerando as incertezas do autor e os limites econômicos da conjuntura. Apresentam-se as marcas da tradição em um dos principais manifestos industriais e se mensuram os preceitos de sociedades agrárias contidas naquela proposta fabril. Desta forma, registra-se que a nova ordem nasce permeada pelas verdades de sua antecessora. Contudo, é imprescindível assinalar que não se almeja o encerramento do debate analítico sobre a vida e a obra de Raul Prebisch, mas sim contribuir para o enriquecimento de uma perspectiva de interpretação ainda pouco explorada.

O recorte temporal acompanha uma Argentina próspera, 1933-1949, e especialmente, suas decisões ultrapassam as fronteiras nacionais e se impõem numa dinâmica regional. As elites se inserem no mercado internacional através da venda de produtos primários. O agroexportador é descrito como dinâmico

devido aos avanços tecnológicos e ao uso decrescente do emprego numérico de mão de obra. No entanto, o campo, local de vida e cultura rural densamente habitado, é invisibilizado. Esta é uma razão pela qual o método tradicional o interpreta, inadequadamente, pelo ponto de vista do atraso, através dos binômios cidade-futuro e campo-passado. A naturalização da abordagem que privilegia o poder consolidado gera prejuízos na construção de teorias, uma vez que se adota, com frequência, um conceito cristalizado que precisa de uma outra problematização. Isto é, acredita-se na relevância de visualizar a questão a partir de uma perspectiva crítica na qual a modernidade não está predeterminada.

O Estado aqui caracterizado se refere não apenas ao governo nacional e se encontra distante da estrutura que responde de maneira isonômica aos cidadãos. O governo liberal é uma promessa que, no momento presente, encontra-se distante, uma vez que, perante as relações comerciais, os indivíduos dificilmente possuem os mesmos direitos e tampouco recebem tratamento semelhante. A administração governamental se afasta de uma imagem isenta, neutra e alheia às pressões sociais enquanto a identificação do poder público a aproxima ao espaço ocupado pelos setores hegemônicos na sociedade. Implementa-se, assim, um instrumento de poder e de domínio. Uma visão mais apurada permite distingui-lo como um território de disputa em que os fragmentos da classe dominante se enfrentam em busca da hegemonia.<sup>3</sup> Digo, afirmar um projeto de sociedade específico como representante dos interesses nacionais. O momento no qual as demandas de uma fração particular se postulam e o interesse coletivo as reconhecem, a vontade de uma parcela se projeta nos moldes de uma reivindicação em nome da sociedade. O movimento se traduz em esferas ainda maiores, a nível internacional, porque partes das elites nacionais são hegemônicas em arenas multilaterais. Mantendo a linha de raciocínio, compreende-se a CEPAL como um organismo regional que, em

---

<sup>3</sup> O Conceito de hegemonia que se estabelece é influenciado pelos escritos de Antônio Gramsci (1984) e Sônia Mendonça (1996).



dinâmica própria, constrói uma arena de disputa na qual um grupo se impõe sobre os demais.

A hegemonia significa a preponderância de uma parcela específica dos setores de poder que recebem a aceitação dos demais como seu representante legítimo, de modo que, torna-se necessário, de antemão, obter consenso para que se estabeleça a ordem. As relações de comando edificam-se por meio de uma natureza não violenta, uma vez que as ações resultantes de acordos se tornam mais estáveis, duradouras e acomodam o exercício de liderança com mais facilidade. Não obstante, o tema é central para o reconhecimento dos preceitos que emergem entre os latino-americanos. Há uma conexão estrita entre os episódios e uma fração pequena da sociedade argentina e, portanto, sua projeção regional, um posto de primazia na ordem. Em termos de dinâmica de poder, dados específicos do personagem e seu relatório estão conectados com a sociedade a qual pertence e se expandem ultrapassando os marcos de suas fronteiras como demanda aceita, validada e reconhecida.

### **O personagem e sua inserção.**

Descendente paternalmente de um engenheiro imigrante alemão e uma mãe pertencente às camadas empobrecidas da aristocracia provincial, Raul Prebisch nasce entre as classes médias de Tucumã. O atual noroeste argentino conviveu com um comércio dinâmico por séculos durante a colonização castelhana e se situou na conexão entre as minas de Potosí, no Alto Peru, e o litoral de escoamento de prata para o oceano Atlântico. Este era um ponto de enlaçamento que assinalava a metade do caminho na rota dos metálicos e dos recursos de abastecimento do altiplano andino até o porto. No fim do domínio ibérico, especificamente em 1805, o povoado assumiu a posição de produtor açucareiro no vice-reino do Prata. Após a independência e avançados os últimos anos do século XIX, outra região se estabelece no protagonismo econômico, as pampas, onde os criadores agropecuários de exportação se fixam circundantes à capital nacional, Buenos Aires. Portanto, a origem do economista o posiciona geograficamente numa área periférica em meio às províncias que compõem o

mercado interno argentino, mas outras qualidades o fazem nuclear naquela ordem (DONGHI, H, 2014 p.29).

A procedência familiar o situa em posição peculiar. Vale ressaltar que a América Latina se destaca como um espaço ocupado por uma diversidade de povos que envolve os originários, os de ascendência africana, os de genealogia europeia e, em menor número, os de matriz asiática. Na Argentina, a imigração alterou as estruturas étnicas e concentrou os brancos - ou mesmo mestiços que sejam de aparência alva - nos espaços aristocráticos. Por isso, no que concerne à classe e à raça, Raul Prebisch, mesmo empobrecido, conserva a centralidade. Em outro traço distintivo de época, as funções públicas, como aquelas exercidas nas universidades, tinham uma presença masculina numericamente superior. Assim, o autor acessa um espaço onde se formam os quadros tradicionais do saber latino-americano e estabelece vínculos com outros homens aristocráticos de ascendência europeia, salvo poucas exceções.

As cidades se tornaram mais densas, o Censo nacional de 1914 reconhece a Argentina como majoritariamente urbana e institui o princípio de dois mil habitantes por núcleo populacional para designar uma localidade cidadina. A classificação gera controvérsias, pois as aglomerações mencionadas, em país de dimensões territoriais amplas, dividem-se em tarefas de entreposto comercial de produtores rurais e, não por acaso, os afazeres da agropecuária possuem centralidade. A sociedade se dinamizou com um sistema eleitoral cada vez mais inclusivo no qual se integram os votos dos imigrantes no sufrágio masculino universal em 1916. Naquela época, a legenda vitoriosa da União Cívica Radical se apoiou nas classes médias urbanas e nos profissionais liberais para eleger Hipólito Yrigoyen como presidente, que virá a sofrer golpe de Estado em etapa posterior. Uma vez mais, as frações conservadoras agroexportadoras se alicerçam no poder. Adiante, as tramas estabelecidas pela administração pública que transparecem os matizes do protagonismo agrário

serão abordadas, seja na auto percepção das autoridades, seja na natureza dos acordos políticos.<sup>4</sup>

O jovem de Tucumã se radicou na capital para cursar economia na Universidade de Buenos Aires e, aos 18 anos, destaca-se como um dos estudantes mais talentosos de sua época. Ele cumpre as obrigações do curso e se prepara para a docência em nível superior. Presencia os desdobramentos da reforma universitária, assume protagonismo nos debates capitaneados pela Revista de Economia Argentina e se aproxima de Alejandro Bunge, um intelectual expoente rio-platense a quem pertenceu, naquele momento, a cátedra de Economia na Universidade de La Plata. Subordinado ao reconhecido pesquisador, o economista, em início de carreira, torna-se professor chefe de seminário em dita instituição. O intelectual autodidata se instrui com um campo de abrangência amplo, desde Adam Smith, David Ricardo, John Stuart Mill, Alfred Marshall, Wiltrado Pareto até a leitura d' *O Capital*, de Karl Marx, e artigos com a teoria de Lenin e Trotsky. Nos círculos acadêmicos, a matriz neoclássica se impunha e se debatiam as dinâmicas internacionais do capitalismo. Prebisch se inclui e se refere às economias de Buenos Aires com a categoria de *centro* e, em contraponto, utiliza o vocábulo *periferia* para designar as outras províncias da Argentina. Desta forma, o modelo centro-periferia ensaia os primeiros passos latino-americanos em seus escritos dos anos 1920.<sup>5</sup>

Concomitante aos afazeres acadêmicos, o economista se emprega na Sociedade Rural Argentina, tradicional agremiação de proprietários pampianos, mas por pouco tempo. A publicação de um artigo de sua autoria repercute negativamente e abrevia o vínculo para menos de um ano, entre junho e janeiro, respectivamente, de 1922-1923. O escrito examina os preços e as quantidades de carnes tanto enviadas pela Argentina ao mercado externo quanto as que são comercializadas internamente. Do total de proteínas exportadas pelos rio-

---

<sup>4</sup> ARGENTINA. Terceiro censo nacional. Realizado em 1º de junho de 1914. Buenos Aires, Talleres gráficos de L.F. Rosso e Cia, 1916. Disponível em: <http://www.estadistica.ec.gba.gov.ar/dpe/Estadistica/censos/C1914-T1.pdf>. Acesso em 04/03/2021.

<sup>5</sup> Ver mais em GILBAL-BLACHA, 2019, p. 5 e GONZALEZ, N.; POLLOCK, D. 1991, p.458.

platenses, 94% são destinadas aos britânicos, e entre as carnes disponíveis no mercado inglês, incluindo as provenientes das ex-colônias e dos outros comerciantes, destaca-se o montante de 40% ocupado pela de origem argentina. As cifras se referem ao ano de 1921 e ressalta que o local provinha pouco menos da metade daquelas comercializadas na Inglaterra. Vale ressaltar que a quantidade de proteínas rio-platenses negociadas na praça londrina supera as de Austrália e Nova Zelândia. A publicação informa a dinâmica por meio de gráficos o que abrange, cronologicamente, as primeiras décadas do século XX. Constata-se, a partir da leitura, a valorização nos preços internacionais em decorrência da Primeira Guerra, mas também se anuncia, posteriormente ao conflito, uma tendência à queda em seu valor. O mercado para os artigos da pecuária se apresenta como um dos principais interesses da publicação, visto que configura um tema prioritário entre os membros da SRA (PREBISCH, 1991, Tomo I, p.236-241).

Meses mais tarde, Rafael Herrera Vegas, ministro da fazenda do governo nacional, convida o intelectual para uma viagem ao exterior para averiguar a aplicação do imposto de renda em países considerados, pela autoridade em questão, agrícolas. Em dito período, o tributo era mais usual em sociedades industriais, mas Austrália e Nova Zelândia eram uma exceção no que se refere a cobrança. Além do mais, ambas preenchem suas atividades comerciais com a exportação de produtos primários e se assemelham às pampas no que tange às vendas de carnes e cereais de clima temperado. Prebisch aceita a proposição e se desloca para conferir os tributos, percorre instituições, o Bureau of Census and Statistics neozelandês e o Department of Taxation australiano, reconhece autoridades e participa de eventos científicos, posteriormente redige para a Revista de Economia Argentina o “Primer informe del doctor Raul Prebisch sobre Austrália”. Como residente de uma “jovem” república, o seu local na ordem mundial se vê em construção e, em termos de produção e rentabilidade, o liberalismo o aproxima às sociedades mencionadas. Percebe-se, no deslocamento, uma tendência de conexão com seus pares comerciais, uma vez que, no aspecto renda per capita, os rio-platenses

atravessavam um momento de bonança que os diferenciava positivamente entre os demais (PREBISCH, 1991, p. 13).

Os argentinos mantiveram as exportações de carne por longo tempo como um dos principais eixos econômicos, o outro se concentra na agricultura de cereais e oleaginosas dos pampas. A proteína animal viajava dos campos do interior até os portos e seguiam por embarcações, majoritariamente equipadas com câmaras frigoríficas, que as trasladavam até as praças centrais do comércio europeu, sendo a londrina a mais destacada. O mercado de exportações se desenvolveu intensamente no intervalo temporal aqui registrado, tal característica o diferencia dos países limítrofes. O momento econômico proveitoso se desdobra em outras singularidades, pois lhe confere: maior rentabilidade dos investimentos estrangeiros; ampla extensão do seu circuito ferroviário; difusão de uma numerosa classe média urbana nas cidades de maior porte às margens do leito fluvial da bacia do Rio da Prata e, no campo, representada pela figura dos arrendatários e, em menor número, nos proprietários de pequenas glebas representados pela Federação Agrária Argentina.<sup>6</sup> Em vistas destes dados, identificava-se o país como capitalizado em escala regional. As sociedades vizinhas reconhecem sua posição, estão atentas aos seus movimentos e a liderança entre os periféricos se estabelece sedimentada por décadas de prosperidade.<sup>7</sup>

Em alusão à integração ao sistema econômico liberal, o comércio rio-platense se assemelha às estruturas econômicas encontradas na Austrália e na Nova Zelândia por aqueles anos, não só em razão da disponibilidade territorial, mas também pelo tipo de exportação rural. Ao fixar-se nos fatores produtivos e geográficos, projeta-se uma imagem que o distancia da identificação demográfica e mercantil com os sul-americanos circundantes e com os demais americanos de língua ibérica, com a exceção do Uruguai. O aspecto climático se desdobra em pautas de exportação distintas, o Chile dispões de latitudes

---

<sup>6</sup> Uma agremiação ímpar, reunião de pequenos produtores que contrasta com um continente reconhecido pelas organizações de latifundiários tradicionais e hegemônicas.

<sup>7</sup> Os dados que confirmam a produção argentina em âmbito latino-americano são vistos em BERTOLA; O. CAMPO, 2013: 98.

análogas, mas enfatiza a produção na extração mineral. Vale ressaltar que os agentes públicos interpretam o desenvolvimento como uma superação do modelo de sociedade então encontrado na região, seja pelas instituições ibéricas entendidas como atrasadas e pela composição étnica de sua população com a origem diversificada seja pelas estruturas econômicas desiguais ali estratificadas. Em resumo, não há evidências que alguma sociedade latino-americana seja objeto de inspiração para os líderes argentinos, pelo contrário, a ordem no momento reconhece a região por ser área de subalternidade.

Os conservadores vitoriosos convidam o economista para compor o governo após o golpe de Estado liderado por José Feliz Uriburu. Por razão das imperfeições no sistema eleitoral, reconhecido pelas fraudes, os mandatos presidenciais da década de trinta se convertem em impopulares. O emprego junto à oficialidade contribui para sua rejeição. Sob o signo do autoritarismo, Prebisch se emprega no ministério da fazenda até 1932, em seguida, empenha-se em construir um órgão específico para o ordenamento financeiro, o Banco Central da República Argentina que se constitui em uma das primeiras instituições latino-americanas a adotar o modelo de centralização de finanças. Por meio deste, os organismos argentinos são observados no exterior, o que se comprova posteriormente quando recebem convites de autoridades estrangeiras interessadas no debate a respeito de sua atuação na área econômica.

Os impactos da crise reconfiguravam as estruturas mercantis mundiais em 1933. Para superar o desarranjo comercial, os governantes do império inglês privilegiaram a compra e venda de artigos primários no interior do agrupamento formado por sua zona de influência em conferência econômica realizada em Ottawa, no Canadá. A potência em declínio responde os efeitos da desordem financeira com protecionismo e estabelece um ordenamento de parceiros com os quais se incentivam a aquisição de matérias primas. O ciclo secular estava prestes a se encerrar, aproximava-se a ocasião do abandono à velha preponderância em um sistema mundo liberal com o qual detinham um poder inigualável. A diplomacia argentina se ausenta das decisões assinaladas em Ottawa e as razões são aparentemente evidentes, visto que não é parte do

império, muito menos se vincula politicamente e administrativamente aos domínios ultramarinos britânicos.

No entanto, os aspectos econômicos reservam peculiaridades. As informações conjunturais indicam que os sul-americanos abarcam a parte mais vultosa dos investimentos ingleses na região e, como mencionado, podem alcançar o destino de 90% das exportações pecuárias. Este é um vínculo valiosíssimo construído ao longo do tempo e um dos momentos de expansão da sociedade argentina que a coloca no mapa das localidades de rendimentos prósperos. Os ingleses eram seus sócios comerciais mais importantes e a exclusão comercial resultou em adoção de medidas direcionadas à revertê-la, isto é, retornar ao comércio habitual. Naquelas circunstâncias, os argentinos sustentavam um comércio triangular no qual obtinham saldo positivo com a venda de produtos agrícolas no Reino Unido, ao passo que adquiriam produtos industrializados nos Estados Unidos e ali obtém déficit. A diplomacia rio-platense propôs um acordo para diminuir os impactos do influxo comercial, o que prolongou as exportações de carnes e gêneros agrícolas à Inglaterra sob a contrapartida de se comprometer em importar artigos industriais de procedência britânica. O tratado se oficializou sob o título de Roca-Runciman que corresponde a, respectivamente os sobrenomes dos ministros de comércio de Argentina e Reino Unido, Julio Argentino Roca (filho) e Wilson Runciman. Com o ajuste, as elites agropecuárias do atlântico sul conservam sua conexão com os anglo-saxões.

Raul Prebisch, integrante da equipe econômica, supervisiona a implementação dos termos firmados. O conteúdo ali encontrado reflete as características que, dezesseis anos mais tarde, o pensamento industrializante designa às periferias em razão da escritura do relatório. Em um deles se efetiva a venda de matérias primas por parte das nações periféricas, a Argentina, em contraponto à compra de artigos industrializados oriundos das potências do centro de sistema, na ocasião, a Inglaterra. O acordo se estabelece entre representantes de povos livres e soberanos, mas o significado dos termos ali contidos impacta de maneira distinta ambas partes. A tarefa dos sul-americanos

de se conectar com o novo comprador de produção primária será mais árdua. Já os produtos vendidos pelos rio-platenses são supridos com rapidez por outras sociedades agroexportadoras da zona de influência britânica. Por esta razão, os europeus se posicionam em posto de excelência.

O recorte sequencial abaixo confirma uma das principais questões nacionais que, não por um acaso, refere-se às carnes. Nota-se a primazia redigida na oitava cláusula que contém as obrigações designadas aos britânicos, os demais são produtos agrícolas argentinos:

8- Que se propõe o governo do Reino Unido;

- a. Não impor novos direitos o aumento de direitos a carne, bacon, presunto, trigo, linho, milho e extratos de *quebracho* da Argentina no Reino Unido.
- b. Não estabelecer limitações quantitativas sobre as importações no Reino Unido de trigo, milho, linho, farelo e farelo mais fino, rebanho - lã em formato bruto *premier jus*, sebo sem refinar,
- c. No caso de se estabelecer regulações quantitativas sobre mercadorias não mencionadas no inciso b) anterior, se dará um tratamento equitativo a aquelas mercadorias importadas da Argentina no Reino Unido.<sup>8</sup>

O documento assinado em 1933 se renova e se estende por três anos. Observa-se, no intervalo relatado, o contraste entre as cifras alcançadas pela Argentina no valor do produto exportado que cresce em ritmo diferente dos preços dos objetos industrializados dos britânicos. Desta forma, a quantidade de matérias primas reunidas para a compra de uma porção fixa de bens fabris tende a ser maior. Examinam-se as cláusulas do comércio e se percebe a

8.- ARGENTINA. Ley 11.693. Tratado Roca-Runciman- Convención y Protocolo sobre intercambio comercial con gran Bretaña e Irlanda del Norte, firmados en Londres el IV de mayo de 1933 (B.O.8/VIII/933).

Texto original: Las obligaciones del gobierno inglés tornan los datos claros.

Que el propósito del Gobierno del Reino Unido;

- a) No imponer nuevos derechos o aumento de derechos a la carne, bacon, jamones, trigo, lino, maíz y extracto de quebracho importado de la Argentina en el Reino Unido.
- b) No establecer limitaciones cuantitativas sobre las importaciones en el Reino Unido de trigo, maíz, lino, afrecho y afrechillo, rebacillo, lana en bruto "premier jus", sebo sin refinar, cerda, tripas y extracto de quebracho;
- c) En el caso de establecerse regulaciones cuantitativas sobre mercaderías no mencionadas en el inciso b) anterior, se dará un tratamiento equitativo a aquellas mercaderías importadas de la Argentina en el Reino Unido



probabilidade de que o pensador argentino formule a teoria em função da abstração de circunstâncias repetidas em sua experiência administrativa. O autor decodifica as minúcias do comércio efetivado na periferia sul-americana, uma das poucas vezes em que um saber abstrato dedutivo se debruça sobre um problema singular nas partes mais remotas do comércio internacional. Em tal momento, o fenômeno se observa pela escala nacional, e, posteriormente, identificam-se sociedades que compartilham as mesmas características. A percepção da deterioração dos termos de troca se encaixa analiticamente nos resgates do acordo comercial em questão.

O sentido de pertencimento das autoridades argentinas ao circuito mercantil inglês ultrapassa as barreiras estritamente comerciais, assépticas e impessoais, pois se expressam em semânticas concernentes à identidade, personalidade e inclusão. São os laços com os britânicos que os situam no posto de agroexportadores prósperos de uma maneira privilegiada na América do Sul. O inverso também é verdadeiro, em razão dos aspectos produtivos obtiveram entendimentos de maior expressão com os europeus insulares. Assim, consolida-se uma via de mão dupla. Os líderes rio-platenses são cientes da incidência de suas matérias primas na praça londrina por décadas e consideram-se, tendo em vista os serviços prestados, em igualdade com as demais partes do domínio anglo-saxão. Identifica-se o anseio de se estabelecer em condições de igualdade, Raul Prebisch reflete a respeito:

Por outro lado, os acordos de Ottawa comprometem a Grã-Bretanha a permitir a expansão das importações de carnes dos seus domínios. Mas não é possível, como bem se entende, acrescentar ao mesmo tempo a produção local de carnes de Grã-Bretanha e estimular as importações dos domínios sem prejudicar a um terceiro. Este terceiro é, precisamente, a Argentina. Sobre cuja produção de carnes haviam de recair no futuro as consequências da dupla política de proteção interna e de preferências imperiais. Aparte de isto tudo, não se deve esquecer em nenhum momento que as tarifas de Grã-Bretanha constituem uma arma poderosa na luta alfandegária com os outros países...

...Vejam agora como se há logrado o propósito que se buscava. Um dos primeiros artigos substantivos do convênio declara que o governo britânico, **reconhecendo a importância da indústria das carnes para a vida econômica**

**argentina**, se compromete a não restringir as importações de carne *chilled* argentina a uma quantidade menor de 390.000 toneladas por ano básico, **de conformidade com os convênios de Ottawa**. Mas se for necessário reduzir ditas importações para conseguir preços mais remunerativos, o governo britânico se reserva no direito de fazê-lo, prevê consulta com o governo argentino e logo de haver a ele comunicado as informações pertinentes. Tal reedição se faria também proporcionalmente nas quantidades enviadas por todos os demais países produtores (PREBISCH, 1991: p.104-105, grifos nossos).<sup>9</sup>

O fragmento informa sobre o comércio de carne que sofreu resfriamento em conformidade os tratados de Ottawa e assinala a possibilidade alterações oriundas das autoridades inglesas. Reflete-se não apenas uma questão econômica, mas também se elucidam traços de pertencimento. Os preços baixos alcançados para a compra de matérias primas contrapostos à imposição preferencial por artigos industrializados de um poder decadente estão na contramão de um movimento internacional em voga. A demanda de artigos tecnológicos se deslocava para os Estados Unidos e, internamente no continente europeu, a Alemanha exhibe itens fabris mais atraentes. Vender a matéria-prima barata e comprar custosamente a tecnologia obsoleta causam desconfianças, logo, entende-se que, os termos de Roca-Runciman se fundamentam pela tradição e continuidade com um sistema de trocas que se encontra em constante desestruturação.

---

<sup>9</sup> Texto Original: Por otro lado, los acuerdos de Ottawa comprometen a Gran Bretaña a permitir la expansión de las importaciones de carnes de los dominios. Pero no es posible, como bien se comprende. acrecentar al mismo tiempo la producción local de carnes de Gran Bretaña y estimular las importaciones de los dominios sin perjudicar a un tercero. Este tercero es, precisamente, la Argentina. sobre cuya producción de carnes habrían de recaer en lo futuro las consecuencias de la doble política de protección interna y de preferencias imperiales. Aparte de todo esto, no debe olvidarse en ningún momento que las tarifas de Gran Bretaña constituyen un arma poderosa en la lucha arancelaria con los otros países. Veamos ahora cómo se ha logrado el propósito que se buscaba. Uno de los primeros artículos sustantivos del convenio declara que el gobierno británico, reconociendo la importancia de la industria de las carnes para la vida económica argentina, se compromete a no restringir las importaciones de carne "chilled" argentina a una cantidad menor de 390.000 toneladas por año básico, de conformidad con los convenios de Ottawa. Pero si fuera necesario reducir dichas importaciones para conseguir precios más remunerativos, el gobierno británico se reserva el derecho de hacerlo, previa consulta con el gobierno argentino y luego de haber cambiado con él informaciones pertinentes. Tal reedición se haría también proporcionalmente en las cantidades enviadas por todos los demás países productores

A insatisfação com o acordo repercute internamente e o descontentamento rio-platenses é evidente. Na seção do parlamento de 27 de julho de 1933, Lisandro de La Torre, senador do partido Democrata Progressista, interpreta com repulsa as transações ali realizadas, sustenta que os tratantes autorizam a obtenção de lucros das empresas inglesas na Argentina, vê as condições comerciais favoráveis às companhias britânicas e enfatiza a proibição de tal prática nas firmas locais. Segundo o governante, a *Sociedad Rural Argentina* o comemora enquanto a *Junta Nacional de Carnes*, organismo regulatório do setor, apenas assiste de forma passiva e silenciosa. As vontades das classes tradicionais superam os anseios da burocracia estatal do governo e impõem sua política.<sup>10</sup> Em reivindicação posterior, o político ressalta que os países pertencentes à zona de influência inglesa receberam cota fixa de exportação de gado bovino, diferente da Argentina, e conclui que há uma relação diferenciada. Marcado por retórica emotiva, menciona as evidências de uma ação prejudicial aos interesses da coletividade e sua voz representa a fração do conservadorismo dissidente. A respeito de uma possível crise na pecuária e em resposta ao ministro de agricultura, o senador discursa:

Gualeguaychú serve a criação de gado de Entre Ríos e com grandes dificuldades a de outras províncias do litoral, com o restabelecimento de gastos; de maneira que também não é uma solução. Dizia que o governo argentino haverá que devolver os 10% ao governo inglês, que o transferirá imediatamente as empresas frigoríficas estrangeiras; e as razões que se deram para defender esta cláusula do convênio, como não destroem o feito essencial, comprovam que a cada dia vai ser maior a tutela do governo britânico sobre o governo argentino nesta classe de atividades. Não é o governo argentino, a juízo, sobre tudo, do membro informante, cuja ausência lamento, o que deve decidir em que condições se organizará a exportação direta de carnes argentina; é o governo inglês.

O membro informante dizia ontem “o governo inglês quer” ou “o governo inglês não quer”. Todos os senhores senadores o escutaram, e isso que o governo quer ou não quer, se refere às coisas que pertencem à Argentina, se realizam dentro da República Argentina, e deveriam ser executadas pelo governo argentino: lhe permito que fomenta

<sup>10</sup> DE LA TORRE, 1947, p.34.

a organização de frigoríficos cooperativos, e não lhe permito que fomente a organização de companhias individuais que compitam com os frigoríficos estrangeiros.

Em estas condições não podia se decidir que a Argentina se tenha convertido em um Domínio britânico, porque Inglaterra não se toma a liberdade de impor aos domínios britânicos semelhantes humilhações. Os domínios britânicos possuem cada um a sua cota e eles mesmo a administram. Os senhores senadores não podem o ignorar porque também se tem dito na Câmara de Deputados; o nobre deputado o disse.

A Argentina é a que não poderá administrar sua cota; o poderá fazer a Nova Zelândia, o poderá fazer Austrália, o poderá fazer o Canadá, o poderá fazer até a África do Sul. Inglaterra tem, respeito para estas comunidades de personalidade internacional, restringida, que formam parte de seu Império, mais respeito que pelo governo argentino. Não sei se depois disso poderemos seguir dizendo: Ao grande povo argentino, saúde (DE LA TORRE, 1947, p.56-57)!<sup>11</sup>

Lisandro De La Torre se empenha em convencer os parlamentares e, com esta finalidade, destaca o caráter subjetivo da referência pela nacionalidade, denunciando a falta de respeito por parte dos ingleses aos

<sup>11</sup> Texto original. Guleguaychú sirve a la ganadería de Entre Ríos y con grandes dificultades a la de otras provincias del litoral, con recargo de gastos; de manera que tampoco es una solución. Decía que el gobierno argentino habrá de devolver el 10 % al gobierno inglés, que lo transferirá inmediatamente a las empresas frigoríficas extranjeras; y las razones que se han dado para defender esta cláusula del convenio, como no destruyen el hecho esencial, comprueban que cada día va a ser mayor la tutela del gobierno británico sobre el gobierno argentino en esta clase de actividades. No es el gobierno argentino, a juicio, sobre todo, del miembro informante, cuya ausencia lamento, el que debe decidir en qué condiciones se organizará la exportación directa de carnes argentinas; es el gobierno inglés. El miembro informante decía ayer: “el gobierno inglés quiere” o “el gobierno inglés no quiere”. Todos los señores senadores lo escucharon, y eso que el gobierno inglés quiere o no quiere, se refiere a cosas que pertenecen a la República Argentina, se realizan dentro de la República Argentina, y deberían ejecutarse por el gobierno argentino. El gobierno inglés le dice al gobierno argentino: le permito que fomente la organización de frigoríficos cooperativos, y no le permito que fomente la organización de compañías individuales que hagan competencia a los frigoríficos extranjeros. En estas condiciones no podría decirse que la Argentina se haya convertido en un Dominio británico, porque Inglaterra no se toma la libertad de imponer a los Dominios británicos semejantes humillaciones. Los Dominios británicos tienen cada uno su cuota y la administran ellos. Los señores senadores no pueden ignorarlo porque se ha dicho también en la Cámara de Diputados; lo dijo el diputado Noble. La Argentina es la que no podrá administrar su cuota; lo podrá hacer Nueva Zelanda, lo podrá hacer Australia, lo podrá hacer el Canadá, lo podrá hacer hasta el África del Sur. Inglaterra tiene, respecto de esas comunidades de personalidad internacional, restringida, que forman parte de su Imperio, más respeto que por el gobierno argentino. No sé si después de esto podremos seguir diciendo: ¡Al gran pueblo argentino, salud!

símbolos comuns dos congressistas, como a pátria. As ofensas se referem à submissão dos rio-platenses a outras sociedades que se conectam com a ordem imperial anglo-saxã. Presume-se que a inserção comercial argentina a credenciava para ser reunida aos domínios em posição de igualdade e De La Torre se queixa das vantagens obtidas por outros líderes ao negociar com a capital inglesa o que, em sua concepção, resulta pouco respeitoso. Ilustra-se com a fala “o poderá fazer até a África do Sul” que demonstra o incômodo do posicionamento desvantajoso em comparação à sociedade africana, o que enfatiza a suposta injustiça. Vale a pena recordar que, para os capitais ingleses, o mercado rio-platense era um dos mais atrativos a princípios do século XX e a crise é quando se questiona a integração dos sul-americanos ao grupo referido. No período, as dúvidas se confirmam, já que os exportadores argentinos são incluídos com subalternidade por um intervalo breve, e em seguida, são postos às margens da comunidade.

Outros movimentos aparecem em perspectiva de longa duração. Uma das motivações de um compromisso comercial reside nos ganhos monetários, posto que os lucros não se estabelecem com clareza e surgem desconfiças sobre as intencionalidades do acordo. Interpretá-lo como uma tentativa de manutenção de vínculo com uma potência europeia é possível, pois, mesmo com sinais de decadência, a economia argentina cresceu em níveis superiores à média regional no decorrer do período que marca o fim do século XIX e o início do XX. Por mais que os termos assinados em 1933 indiquem subalternidade, os exportadores do atlântico sul enfrentam dificuldades na ruptura que, até então, lhes favoreceu por muitas décadas. Além do mais, havia uma expectativa de resgate do prestígio de outrora. Optou-se pela submissão momentânea, visto que poderia viabilizar o restabelecimento de contatos mercantis vantajosos no futuro.

As assinaturas de Roca e Runciman demarcam a liderança dos setores agroexportadores sobre os outros que compõe o mercado nacional e o domínio dos negociantes de carne diante dos demais produtores primários. A *Sociedad Rural Argentina*, organismo responsável pela união das elites pecuaristas

bonaerenses, configura-se em um dos ambientes onde Raul Prebisch exerceu os trabalhos como economista, com relativo êxito e por pouco tempo. A instituição consiste em um setor-chave cujos interesses se entrelaçam com as esferas mais elevadas da administração pública e responde pelas questões nacionais. Em dito período, as decisões argentinas impactam as demais sociedades da América do Sul e se posiciona com destaque na administração pública, o que a condiciona na disputa pelos postos de comando nos círculos de poder no exterior. Em âmbito internacional, a boa inserção dos representantes rio-platenses no mercado inglês conduz ao ponto de referência regional e a América Latina opta por se expressar pela língua de seus personagens hegemônicos.

O aumento da demanda por bens agropecuários precede à guerra em 1939. Na periferia o processo de industrialização por substituição de importações, fomentada pela impossibilidade de importar artigos elaborados, expande-se. Os preços das exportações primárias se elevam até o final do conflito e avolumam as vendas de bens agropecuários que se encontravam menos frequente em comparação à aquisição de industrializados. Vale relembrar que os esforços de europeus e estadunidenses se concentraram na guerra, sendo assim, os latino-americanos produzem, entre os limites nacionais, os bens anteriormente enviados pelas potências mercantis estrangeiras. Implementava-se o processo de criar no interior de suas fronteiras o que, anteriormente, provinha do Norte. A diminuição de importações ocorria não só na prática administrativa, mas também na teoria realizada em tais locais. No rastro de tal dinâmica, Prebisch esboça em manuscrito os argumentos do manifesto cepalino.

Os enfrentamentos se alastravam para o núcleo do sistema e, simultaneamente, sociedades periféricas se convertiam em fabris. Intensificava-se a urbanização no mesmo período em que os direitos de trabalho são reforçados, o que favorece as condições de vida e reprodução social para as multidões cidadinas. De igual maneira, fixavam-se regras também para os empregados do campo. O desarranjo no centro culmina em industrialização, ganhos de direito de trabalho e populismo na periferia. O domínio econômico

se fragiliza e este é um momento de maior liberdade para a reflexão sobre os parâmetros através dos quais as sociedades em análise se estruturam. A política externa dos argentinos obteve contornos específicos, pois consiste em um dos países latino-americanos com mais tempo de neutralidade no trato com os beligerantes. O golpe de Estado altera o curso dos acontecimentos em 1943 e é favorável ao grupo aliado capitaneado pelos EUA que sofre retaliações e recebe hostilidades no pós-guerra devido à aderência tardia aos aliados.

O Grupo dos Oficiais Unidos, liderados por P. Ramirez e J. Farrell, reúne as lideranças de segmentos das forças militares, aeronáutica, exército e marinha, e interrompe o poder conservador aristocrático. O regime se opõe aos conservadores aos quais Raul Prebisch havia se somado e o substituí por um quadro de funcionários renovado. O economista sofre desligamento da administração pública, mas mantém, por poucos anos, suas atividades docentes na Universidade de Buenos Aires até que o impedem de prosseguir. O intervalo entre o golpe de Estado e o pós-guerra é aquele que percorre a cronologia do que veio a se chamar peronismo. A estadia do coronel Juan Domingo Perón se condiciona à secretaria de trabalho e previdência, mediadora dos conflitos trabalhistas. Os generais impõem a doutrina de exceção no Rio da Prata, mas naquela ocasião o autoritarismo conquista o apoio de frações numerosas das classes trabalhadoras e, após três anos de poder, impõe-se pelas urnas.

Os desdobramentos conjunturais na política argentina impactam a vida profissional do intelectual, visto que seu campo de atuação se restringe e, por isso, ele se concentra em atividades no exterior. Recebe convites para participar de reuniões e proferir palestras na Cidade do México onde reflete sobre a criação do Banco Central argentino. Em outro momento, na República Dominicana, realiza tarefas junto a autoridades governamentais. A integração fomenta o interesse de Prebisch por problemas regionais e o economista incorpora modificações temáticas em suas preocupações de modo a torná-las mais abrangente. Constata-se um giro analítico que o inclui no debate econômico realizado em áreas distintas do continente e, posteriormente,

vislumbra-se uma reformulação do enfoque teórico que desenvolve para abordar as economias latino-americanas (PREBISCH, 1991, Tomo III p. 6-92).

Entre as elites sul-americanas era comum cursar uma parte da formação universitária no exterior, em centros europeus ou estadunidenses. A este respeito, o economista guarda um diferencial em sua trajetória, pois seus anos de aprendizagem acadêmica são cursados na Argentina. Ainda assim, manteve-se atento às vertentes disciplinares advindas de fora, com destaque para Maynard Keynes. Por muitos anos, dedicou-se à interpretação do pensamento keynesiano, eixo teórico em voga, mas, tendo em vista sua produção disciplinar e sua trajetória profissional, após 1943, a vertente latino-americana ganha volume em suas reflexões. Ele se abastece, não apenas com os saberes adquiridos em sua origem, mas também com as experiências teóricas e empíricas obtidas pela inserção laboral na região que precede o ingresso na CEPAL, quando o intelectual, já ambientado, atinge a esfera internacional.

À conjuntura argentina, soma-se, então, a dinâmica do cenário mundial da época para perscrutar as vias profissionais seguidas pelo autor em período precedente à inserção cepalina. Lembra-se que, entre 1939 e 1945, o domínio britânico enfrentou duras etapas na conjuntura bélica. Os processos de descolonização na África e na Ásia impactaram o comércio com as elites argentinas e, em meio ao conflito, há, uma vez mais, lucro na exportação primária e acumulação de reservas pelo tesouro do Estado. Não obstante, o sonho da proposta aristocrata se encerra, concomitantemente, ao fim do conflito e, poucos anos mais tarde, os preços dos produtos primários voltam ao declínio. Na nova etapa, os Estados Unidos detêm o protagonismo econômico e a aquisição de dólares é necessária para a importação de bens de capital e de consumo. As elites locais não encontravam o centro dinâmico do comércio mundial na Europa e era necessário alterar o modelo econômico, uma tarefa difícil posto que demandaria modificar uma estrutura já implementada. Verifica-se que a sociedade mais próspera da região agroexportadora se empenhava em manter sua posição, doravante houvesse que se industrializar.



Depois de 1945, a queda na balança de pagamentos ocorre pela configuração de uma nova cena econômica na qual os Estados Unidos, local onde se concentram vultosas quantidades de metais, norteiam o comércio internacional. Efetuam-se alterações em uma formação social de amplitude continental e, devido à abundância de matérias primas de origens variadas, observa-se que parte dos produtos presentes naquelas terras, as carnes e os cereais de clima temperado, são os mesmos comercializados pelas pampas do Rio da Prata. Por outra parte, a Europa ocidental passava por um período de reconstrução de maneira que, a demanda alta encontrada na guerra havia declinado e, momentaneamente, as importações agrícolas do Sul eram ainda menos requisitadas naqueles mercados.

Em 1947, em Santiago do Chile, são dados os primeiros passos para a solicitação de instalação da Comissão Econômica para a América Latina. Em fevereiro do ano seguinte, inicia-se seu funcionamento. Uma reunião presidida por Alberto Baltra Cortés, ministro da economia chileno, sugere Raul Prebisch para ocupar o cargo de direção. O autor não aceita de imediato, mas em breve intervalo se coloca à disposição para iniciar as atividades e realiza as primeiras pesquisas e publicações (LOVE; BAMBILLA, MARTINEZ.1980, p.392).

A arena cepalina se empenhava em solidificar suas estruturas, uma vez que o posicionamento geográfico era contestado. Os insatisfeitos com a repartição no cone sul chileno consideravam a possibilidade de instalá-la em um escritório em Nova York, assim como, questionava-se sua existência em local independente e distanciado dos Estados Unidos. Centrado na capital de Santiago, o economista argentino elabora os escritos nos quais analisa sua sociedade vista pelo exterior, distanciado de seu local de origem e em uma perspectiva que o conecta com a América Latina. Aprofundam-se os debates na recém-inaugurada Comissão Econômica para Latino América, em 1948 no Chile (FURTADO, 2014 p.102-105).

O autor vivia, pesquisava e escrevia informes, através de uma perspectiva multilateral, sobre os problemas econômicos identificados com aquelas sociedades. Prioriza uma questão comercial vivenciada por décadas e

reencontra um problema nacional que também se expressa regionalmente. Em 1949, publica dois estudos: um aborda a sociedade de origem e outro um relatório para a reunião do organismo em Havana, sendo o último o objeto de análise do artigo.

O comércio externo dos EUA mantinha um espaço reduzido para as importações agrícolas. As matérias primas de seu mercado são supridas pelo setor interno e restava uma porcentagem residual a ser comprada no exterior. Sendo assim, no centro da economia mundial, diminuía-se a procura pelas exportações agropecuárias de clima temperado. Uma parcela das elites latino-americanas encontrava preços menos atrativos para seus produtos. Então, o relatório de Raul Prebisch, de 1949, ressoa como um manifesto pela industrialização sem o qual as economias periféricas seguiriam o caminho de se tornarem cada vez menores e frágeis no momento de estabelecer as trocas comerciais com as sociedades centrais.

### **Bens primários perdem o valor de troca.**

Restam poucas dúvidas sobre a relevância do manifesto pela industrialização até o tempo presente. Ele se constituiu através de uma linguagem que intercala o teórico, o descritivo e o prognóstico em suas últimas linhas. Inicia-se com dados que remetem a uma dinâmica específica originada nas últimas décadas do século dezenove e vigente no período de escritura do informativo. Identifica-se o problema central, ilustrado pelo declínio dos termos de troca e, em seguida, desmembram-se questões correlatas nas quais as formas de proteção da deterioração dos preços dos produtos comercializados são comentadas e se apresentam medidas para solucioná-las. No último tópico, há uma descrição da urgência da industrialização na América Latina. Tendo em vista o resumo breve da publicação, desenvolveremos a análise de cada parte nas linhas a seguir.

As sociedades latino-americanas produzem bens primários para o mercado externo. São produtos agrícolas de clima tropical e temperado,

pecuária, extração mineral e silvicultura. Em uma perspectiva temporal, Prebisch assinala que desde meados do século XIX tais mercadorias mantêm seus preços em escala decrescente em termos absolutos, porque seu valor cresce em menor proporção se comparado aos artigos de origem industrial.<sup>12</sup> O ponto citado com mais frequência de sua teoria compreende a crescente necessidade de bens primários para comprar especificamente um produto industrializado. Em outras palavras, um volume cada vez maior de gêneros agrícolas ou minerais é necessário para comprar um objeto elaborado nas fábricas dos países centrais. A longo prazo, as sociedades com mais exportações primárias são progressivamente mais limitadas em sua capacidade de importar e assumem, em decorrência do processo narrado, uma importância secundária na hierarquia do comércio internacional. O tema conhecido como a - deterioração dos termos de troca - assinala a perda de valor crescente dos produtos mais comercializados pelos negociantes da América Latina:

Antes de explicar a razão de ser de este fenômeno, que tanta importância tem para a América Latina, convém examinar como se transmite os efeitos do incremento da produtividade. Com tal propósito, se apresenta um exemplo ilustrativo do quadro 2, no qual se supõe que os índices de produtividade por homem têm sido maiores na indústria, que na produção primária. Para simplificar o exemplo, são considerados que esta e aquela intervém por partes iguais no produto final. Se supõe, em um primeiro caso, que ao aumentar a produtividade, não sobem as receitas dos empresários e dos fatores produtivos, mas também baixam os custos.

Se os preços descendem de acordo com os custos, a diminuição nos preços primários resulta ser menor que nos industriais, correspondentes, assinalam os índices Y em consequência, a relação entre ambos se moveu em favor dos produtos primários, ou seja, se 100 a 116,7.

Esta é precisamente a relação que tinha permitido aos produtores primários participar, com igual intensidade que os industriais, no aumento da produção final, em efeito, se a produtividade primária aumenta de 100 a 120, e se com 100 produtos primários se pode comprar agora, como acaba de

<sup>12</sup> As informações obtidas por Raul Prebisch estão em constante revisão no tempo presente e apresentam informações que não estavam disponíveis na década de quarenta. O vídeo institucional da CEPAL se refere à questão no quinto minuto. <https://www.youtube.com/watch?v=sqUQQX1dTx8>. Acessado em 18/07/2020.

ser visto, 116,7 dos produtos finais da indústria, Ele quer dizer que os produtores primários podem adquirir agora 140 de tais produtos, em vez dos 100 de antes, ou seja que obtém um aumento da mesma intensidade que o ocorrido na produção final, aumento evidentemente, que também obtiveram os produtores industriais. Estes resultados se alteram sensivelmente, quando variam as receitas, no segundo caso. Se suponha que, na indústria, o aumento das receitas é maior que o aumento da produtividade e que na produção primária, ambos aumentos são iguais. Em consequência, a relação de preços se move contrariamente a produção primária, passando de 100 a 93,3; de tal maneira, que os produtores primários, não obstante seu aumento de produtividade de 100 a 120, apenas podem adquirir 112,0 dos produtos finais, contra os 100 de anteriormente. Ao contrário, um cálculo semelhante permitiria demonstrar que os produtores industriais podem adquirir agora 168 de produtos finais, contra os 100 que adquiriam antes (Prebisch, 1949, p. 19-22).<sup>13</sup>

O economista se refere aos produtos básicos de exportação que, a partir de então, tem um preço de mercado que cresce em menor valor se comparado

---

<sup>13</sup> Texto original: Antes de explicar la razón de ser de este fenómeno, que tanta importancia tiene para América Latina, conviene examinar cómo se transmiten los efectos del incremento de productividad.

Con tal propósito, se presenta un ejemplo ilustrativo en el Cuadro 2, en el cual se supone que los índices de productividad por hombre han sido mayores en la industria, que en la producción primaria. Para simplificar el ejemplo, se ha considerado que ésta y aquélla intervienen por partes iguales en el producto final. Se supone, en un primer caso, que al aumentar la productividad, no suben los ingresos de los empresarios y factores productivos, sino que bajan los costos.

Si los precios descienden de acuerdo con los costos, la rebaja en los precios primarios resulta menor que en los industriales, correspondientes, señalan los índices Y en consecuencia, la relación entre ambos se ha movido en favor de los productos primarios, o sea de 100 a 116,7. Esta es precisamente la relación que hubiera permitido a los productores primarios participar, con igual intensidad que los industriales, en el incremento de la producción final, en efecto, si la productividad primaria aumenta de 100 a 120, y si con 100 de productos primarios se puede comprar ahora, como acaba de verse, 116,7 de productos finales de la industria, ello quiere decir que los productores primarios pueden adquirir ahora 140 de tales productos, en vez de los 100 de antes, o sea que obtienen un aumento de la misma intensidad que el ocurrido en la producción final, aumento evidentemente, que también obtuvieron los productores industriales. Estos resultados se alteran sensiblemente, cuando se varían los ingresos, en el segundo caso. Supóngase que, en la industria, el incremento, de los ingresos es mayor que el incremento de la productividad; y que en la producción primaria, ambos incrementos son iguales.

En consecuencia; la relación de precios se mueve en contra de la producción primaria, pasando de 100 a 93,3; de tal manera, que los productores primarios, no obstante su aumento de productividad de 100 a 120, sólo pueden adquirir 112,0 de productos finales, contra 100 anteriormente. En cambio, un cálculo semejante permitiría demostrar que los productores industriales pueden adquirir ahora 168 de productos finales, contra 100 que adquirirían antes.

com os artigos industrializados. Ele sustenta que as estruturas comerciais vigentes não se beneficiam com os aumentos de produtividade e identifica os avanços tecnológicos aplicados na agricultura de exportação como causa de tal dinâmica. Isto é, as melhorias, tanto na infraestrutura quanto no volume de exportação rural aumentam sua oferta e impactam negativamente o preço do item comercializado. Por sua vez, suas anotações indicam que a incorporação de uma maior produtividade nos cultivos mencionados proporcionou, se observado em paralelo, um declínio no qual uma maior quantidade de bens primários é necessária para comprar um produto industrializado com o valor previamente fixado. Portanto, a riqueza passa a ser apropriada, em maior escala, pelos comerciantes de bens fabris. A previsão sinaliza a industrialização como meio de redução da brecha instituída entre o comércio de bens primários e industriais.

Por décadas, a tendência denominada de neoclássica na qual, em linhas gerais, o comércio se estabelece em dinâmicas que tendem ao equilíbrio se impôs. O sistema se forma de maneira que cada membro da rede produtiva internacionalizada se especializa na função que apresenta as chamadas vantagens comparativas e, desta maneira, insere-se comercialmente. O acesso à riqueza se oriunda nas transações com os demais. Acreditava-se que um bom desempenho nas atividades produtivas mais vantajosas conduziria a sociedade para a prosperidade. De acordo com a premissa, os povos latino-americanos teriam uma vantagem comercial elevada quando se especializam na produção agropecuária e nas práticas extrativistas, uma vez que são detentores de privilégios naturais.

A produtividade da agricultura dos rio-platenses alcançou postos competitivos a nível internacional. Os fatores de infraestrutura contribuíram para a redução dos custos e o aumento da qualidade do material exportado, como o sistema ferroviário, o usufruto de mão de obra abundante e barata e a fertilidade do solo que o tornava propício aos cultivos de clima temperado. A Argentina era a mais mecanizada da região e estava integrada aos mercados. Desta maneira, indaga-se o porquê e em qual etapa tais produtos primários

ficaram menos eficientes em sua produção. As constatações são contraditórias, porque subiu o índice de aproveitamento do solo por hectare e houve mais oferta de bens agrícolas. Segundo os preceitos estabelecidos nas vantagens comparativas, a diminuição da rentabilidade do comércio resulta incompreensível. Assim, um novo paradigma é necessário para a análise dos eventos (RAPOPORT, 2005, p.79).

O pensador sul-americano observa o seguinte indicador: o aumento da produtividade dos cultivos agrícolas, desdobra-se no crescimento da oferta dos mesmos, o que impacta negativamente em seu preço. Se a demanda permanece constante, os artigos primários de exportação são barateados. Sendo assim, pergunta-se onde os ganhos de produtividade se alocaram? A mudança é decorrente das melhoras técnicas e de infraestrutura, assim como, a elevação da produtividade da mão de obra rural são resultantes do processo de mecanização implementado? Vale ressaltar que os ditames neoclássicos pouco acrescentaram à questão, não obstante, se abre o espaço para pensar economicamente a periferia sob outra perspectiva.

Prebisch assinala que o centro do sistema se favorece do valor mais vantajoso, reduzido, a ser pago pelos produtos agrícolas. Logo, assegura que as melhorias técnicas na elaboração de bens primários empenhadas nas margens conduzem sua lucratividade aos mais industrializados que se beneficiam dos preços reduzidos dos insumos fabris e alimentares. O aumento de produtividade dos sul-americanos contribui tornar o centro mais lucrativo, e, por esta razão, mais propício a desenvolver indústrias. A evidencia antes encontrada nas vantagens comparativas é posta em segundo plano. Desde a década de 1930, os pensadores econômicos idealizaram um novo paradigma e o teórico aproximou seu modelo interpretativo aos escritos de Keynes. Para o economista rio-platense, a periferia não se industrializa de forma espontânea, o Estado deve intervir e fomentá-la.

Destacam-se os fatores que dificultam o processo natural de industrialização da América Latina: inflação, taxa de poupança baixa e capacidade reduzida de investimento tecnológico. Os Estados Unidos compram

poucos produtos primários no exterior, motivo pelo qual diminui a oferta de dólares aos exportadores da periferia. Então, parte do metal de reserva é utilizado com fins de importação e os governos hegemônicos por classes aristocráticas desvalorizam a moeda local visando a proteção das relações comerciais externas e a consolidação da competitividade pelas suas mercadorias. A atração ao papel nacional decresce no sentido de reserva de valor de compra, o que desestimula o processo de poupança e investimento com a divisa local. Os setores exportadores, por sua vez, são favorecidos, pois recebem os pagamentos cotados em moeda estrangeira, motivo pelo qual são propensos a acumular e estão mais protegidos dos movimentos inflacionários. Vale a pena mencionar que, enquanto adquirem seus ingressos em valores fortes, os gastos produtivos se efetuam em papel desvalorizado, isto é, as despesas se reduzem com cada diminuição de cotação da moeda nacional.

Considerando os aspectos descritos no parágrafo anterior, entende-se que os investimentos produtivos latino-americanos estavam condicionados às demandas do setor externo. O relatório assinala que o modelo de substituição de importações, financiado pelo governo, é fundamental no processo de industrialização da América Latina. As autoridades do Estado, além de promovê-lo, devem atuar para implementar outras medidas como o controle alfandegário com tarifas facilitadoras da entrada de bens de capital e o investimento direto, o que aumenta a produtividade e molda o mercado interno em termos industriais. Por outro lado, há uma demanda de desestímulo de consumo de bens que não são de primeira necessidade, com o fim de criar internamente incentivos para a produção local de artigos comumente adquiridos desde o exterior.

### **As singularidades escritas em 1949**

O autor reconhece que as indústrias locais estão dotadas de baixa produtividade. Sugere que a força de trabalho deve se concentrar no local onde as atividades se praticam de maneira eficiente, o que a torna vantajosa. A questão do rendimento situa o eixo organizador das sociedades das periferias.

Recomenda-se deslocar a população das funções de menor produtividade para as de maior, demarcadas em ocupações urbanas, fomentando o fluxo rural-urbano. Por sua vez, a agricultura tem que se modernizar para aumentar o índice de produção por indivíduo empregado. O movimento tende a direcionar um grupo de habitantes que abandonam os afazeres de baixa eficiência e renda escassa à zona urbana. A migração proveniente do espaço rural é um dos processos da industrialização latino-americana, pois favorece o aumento do rendimento do trabalho no campo e condiciona indivíduos à oferta de melhores salários na cidade (PREBISCH, 1949, p. 61).

O economista assinala uma curiosidade, os desempregados dos centros urbanos regressaram aos trabalhos rurais no período da crise na década de 1930. Mesmo durante a queda dos rendimentos nas atividades agrícolas, os postos do campo não se reduzem na mesma proporção, isso se deve ao efeito da crise que provoca menos desempregados nas zonas rurais. O autor sustenta a relevância de impulsionar a imigração aos grandes centros, mas indica o cuidado para que a produção de bens primários não se onere pela concentração excessiva da mão de obra na cidade, de maneira que a força produtiva rural fique mais custosa. Ele presume a possibilidade de esvaziamento das áreas rurais e o conseqüente encarecimento a agricultura de exportação, o que em determinadas ocasiões é desvantajoso. Sustenta que os dólares do comércio exterior são essenciais para a aquisição de bens tecnológicos com a finalidade de efetuar o processo de substituição de importações. Nota-se, em sua argumentação, que a venda de bem primários é uma atividade fundamental. A concentração urbana de trabalhadores deve se restringir ao não encarecimento da mão de obra rural, pois o autor se preocupa em manter reduzido os custos da agroexportação (PREBISCH, 1949, p.71).

Interpreta-se a migração campo-cidade como um movimento predeterminado por meio do qual o trabalho se aplica de maneira mais produtiva. Uma parte dos empregos urbanos se propõe à melhoria tecnológica e ao aumento da eficiência, o que agrega competitividade à indústria que passa a oferecer remunerações mais elevadas. São poucas as limitações à ocupação



fabril e a atividade é estimulada contanto que não concentre a força produtiva na cidade em demasia, porque a escassez de indivíduos no campo torna mais caros os salários pagos pelo trabalho rural. A preocupação do intelectual com os valores dos insumos de produção para a exportação agrícola transparece a hegemonia dos senhores do campo. Convém manter a mão de obra em números suficientes para sua recomposição e em preços baixos, pois este fator assegura a competitividade da produção agropecuária das periferias no exterior e, com as receitas do campo, investe-se na industrialização periférica.

No entanto, não é necessário, nem muito menos, que se tenham esgotado as possibilidades de intensificar a produtividade e utilizar todo o potencial humano, para que chegue a ser prejudicada a exportação em razão de um crescimento ilusório da renda real. O aumento de produtividade requer um crescimento considerável de capital, e antes que se haja logrado consegui-lo, passará muito tempo e certamente virão outras inovações técnicas, que possivelmente exijam seus próprios aumentos de capital, conjuntamente com o que se demanda para acompanhar o crescimento da população.

Por outro lado, a poupança é escassa. Se torna necessário utilizá-la em tal forma, que renda o crescimento máximo da produção. Uma política equivocada poderia provocar, não obstante, o emprego deficiente desta poupança, como é fácil demonstrá-lo em seguida. Se há dito que o progresso técnico da agricultura e a demanda exterior relativamente lenta de seus produtos tem permitido a indústria, em muitos casos, absorver uma parte do crescimento da população em idade produtiva maior que a agricultura.

Suponha-se que siga demandando-se, de ano a ano, esse aumento de braços na agricultura, para atender o crescimento da demanda exterior, a parte do aumento do consumo interno, mas que, em virtude de certas medidas, se exagere em tal forma o desenvolvimento industrial, que a atividade agrícola se veja privada dos braços que necessita para seguir aumentando as exportações. Já se foram explicadas as razões de causa pelas quais esta substituição de exportações por produção industrial poderia significar uma perda direta dos ganhos reais. Além de mais outra perda. Mas a posse da terra é um fator de produção que vale muito, sem que haja custado nada. O capital que se necessita agregar é relativamente pequeno, se o compara com o que a indústria absorve. Em consequência, ao levar à indústria os homens que tinham

possibilidade de produzir eficazmente na terra, tem que dotá-los de um capital maior (PREBISCH, 1949, p. 64-65).<sup>14</sup>

O ato de retirar a mão de obra produtiva e rentável do campo se distancia da organização de um sistema econômico mais atraente, contrapõe-se à hegemonia dos exportadores. Vale recordar que, naquele momento, uma parte existencial da vida latino-americana é redesenhada, o emprego das multidões no campo passa a ser um sinônimo do atraso e de baixa remuneração. Não só a industrialização estava em pauta, como também o esvaziamento do setor rural, comum em países de grande extensão territorial inseridos nos mercados agrícolas de exportação. Eles condicionam a presença humana quando a mesma se faz necessária a mencionada atividade, isto é, a permanência em meio rural se subordina aos seus preceitos. Há o estabelecimento de uma nova ordem de produtividade no tecido social para organizar as pessoas e produzir uma sociedade mais próspera. Mantém-se abastecida a economia de exportação e as atividades mais produtivas são organizadas a partir das proximidades dos núcleos urbanos.

---

<sup>14</sup>Texto original. Sin embargo, no es necesario, ni mucho menos, que se hayan agotado las posibilidades de intensificar la productividad y utilizado todo el potencial humano, para que llegue a perjudicarse la exportación en favor de un incremento ilusorio del ingreso real. El aumento de productividad requiere un incremento considerable de capital, y antes que se haya logrado conseguirlo, pasará mucho tiempo y sobrevendrán otras innovaciones técnicas, que posiblemente exijan sus propios aumentos de capital, conjuntamente con el que se requiere para acompañar el crecimiento de la población.

Por otro lado, el ahorro es escaso. Es pues necesario utilizarlo en tal forma, que rinda el incremento máximo de producción. Una política equivocada podría provocar, sin embargo, el empleo deficiente de este ahorro, como es fácil demostrarlo en seguida. Se ha dicho que el progreso técnico de la agricultura y la demanda exterior relativamente lenta de sus productos han permitido a la industria, en muchos casos, absorber una parte del incremento de la población en edad productiva mayor que la agricultura.

Supóngase que siga requiriéndose, de año en año, ese incremento de brazos en la agricultura, para atender al crecimiento de la demanda exterior, aparte del aumento de consumo interno, pero que, en virtud de ciertas medidas, se exagere en tal forma el desarrollo industrial, que la actividad agrícola se vea privada de los brazos que necesita para seguir aumentando las exportaciones. Ya se han explicado las razones a causa de las cuales esta substitución de exportaciones por producción industrial podría significar una pérdida directa de ingreso real. Además otra pérdida. Pero habría la tierra es un factor de producción que vale mucho, sin que haya costado nada. El capital que requiere agregársele es relativamente pequeño, si se lo compara con el que la industria absorbe. En consecuencia, al llevar a la industria los hombres que habrían podido producir eficazmente en la tierra, hay que dotarles de un capital mayor.

Uma forma pela qual os grandes produtores da América do Sul podem ter vantagens com a melhora das técnicas em suas atividades primárias será através da industrialização do mercado interno, portanto, avançar para o modelo das fábricas se converteu em uma de suas demandas. Vale a pena destacar que os lucros obtidos pela adoção de tecnologia agrícola eram apropriados pelos países industrializados que obtinham insumos de qualidade a um custo reduzido. Uma das teorias pelas quais se interpreta o manifesto pela industrialização refere-se à condição em que as elites sul-americanas se beneficiariam da produtividade obtida no aperfeiçoamento da agricultura. Para alcançar este recurso, é necessário conectar as indústrias com a produção primária.

... Se há dito em outro lugar que, pois os preços seguem a produtividade, a industrialização é o único meio de que dispõe os países da América Latina para aproveitar amplamente as vantagens do progresso técnico. No entanto, a teoria clássica havia encontrado outra solução. Se as vantagens da técnica não se propagavam através dos preços, se estenderiam de igual modo por meio de uma elevação das receitas. Acaba de ser visto que isto é precisamente o que ocorreu nos Estados Unidos, assim como nos outros grandes centros industriais. Mas não sucedeu o mesmo no resto do mundo. Para isto, haveria sido essencial que no mundo inteiro existisse a mesma mobilidade de fatores produtivos que se produziu no amplo campo da economia interna daquele país. Esta mobilidade é um dos pressupostos essenciais daquela teoria. Mas, em realidade, se apresentou uma série de obstáculos ao fácil deslocamento dos fatores produtivos. Certamente, os salários dos Estados Unidos são tão altos com respeito ao resto do mundo haveriam atraído grandes massas humanas para aquela nação, as quais houvessem influenciado muito desfavoravelmente sobre estes salários, tendendo a reduzir sua diferença com os do resto do mundo (PREBISCH, 1949, p.22).<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Texto original: Se ha dicho en otro lugar que, pues los precios no siguen a la productividad, la industrialización es el único medio de que disponen los países de América Latina para aprovechar ampliamente las ventajas del progreso técnico. Sin embargo, la teoría clásica había encontrado otra solución. Si las ventajas de la técnica no se propagaban a través de los precios, se extenderían de igual modo por medio de la elevación de los ingresos. Acaba de verse que esto es precisamente lo que ocurrió en Estados Unidos, así como en los otros grandes centros industriales. Pero no sucedió lo mismo en el resto del mundo. Para ello, hubiera sido esencial que en el mundo entero existiese la misma movilidad de factores de la producción que se produjo en el amplio campo de la economía interna de aquel país. Esa movilidad es uno de los supuestos esenciales de aquella teoría.

Os latino-americanos não compartilham o espaço onde se estabelece a continuidade entre a venda de produtos primários e sua apropriação pelo setor industrial. Subsiste uma distância que separa os cidadãos das margens e os dos centros industriais e a livre imigração tende à correção de tal desnível. De fato, isto sucede nos Estados Unidos, pois a agricultura e as ramas fabris formam um espaço comum do qual um se beneficia do aumento salarial aplicado no outro setor, visto que são complementares e se incrementam na composição do mercado interno. A teoria neoclássica reforça seu sentido caso haja liberdade entre as populações do mundo para se empregarem nos lugares onde os salários são mais altos. Em tal projeção, as remunerações estadunidenses se reduziriam pela demanda de migrantes. Os países da América Latina, por outro lado, carecem de continuidade entre melhorar a produção agrícola e aumentar salários no setor urbano. A industrialização na área periférica estabelece um eixo ausente entre a produção primária, a preços reduzidos, e o abastecimento das indústrias que se desdobra em empregos fabris com melhores salários.

O cenário se configura para a industrialização latino-americana em seu aspecto distintivo: ser impulsionada pela substituição de artigos importados, financiada e guiada pelo Estado. Mais precisamente, o organismo público incorporou, neste momento, as ambições das elites agroexportadoras e comerciais para equilibrar a balança de pagamentos e reter uma parte dos benefícios da agricultura, tecnicamente avançada, no interior das fronteiras nacionais. O modelo de produtividade sugerido questiona o formato pelo qual se organizou a sociedade e se conecta com uma demanda pela acumulação de recursos na classe hegemônica. Segundo a reflexão do autor, as fábricas se apropriam do excedente gerado pelos melhores preços nas matérias primas com a finalidade de manter os aumentos de produtividade fixados nas margens e evita a conseqüente fuga ao centro.

---

Pero, en realidad, presentó se una serie de obstáculos al fácil desplazamiento de los factores productivos. Sin duda los salarios de Estados Unidos tan altos con respecto al resto del mundo hubieran atraído grandes masas humanas hacia aquella nación, las cuales hubiesen influido muy desfavorablemente sobre esos salarios, tendiendo a reducir su diferencia con los del resto del mundo.

### O contexto marca o tom.

O cenário de fundo no qual se elaboram os escritos de 1949 concentra uma série de indicadores centrais para a economia e a sociedade latino-americana. Estas informações que são externas ao texto elucidam as interpretações aqui desenvolvidas. Uma das características da industrialização na periferia era seu caráter tardio, além do mais, a agricultura da região possuía recursos tecnológicos importados. A produção de conhecimento interno ou na área latino-americana não contempla as demandas do setor exportador, assim como dificilmente sustenta um projeto industrial em questão, tendo em vista que, naquela cronologia, eram poucos os organismos de investigação e produção de ciência envolvidos em amparar ditas atividades. Entende-se que avanço científico e tecnológico encaminharia o ganho de produtividade para os povos da região e, em consequência, poderia posicioná-los, subjetivamente, nos moldes institucionais presentes nas nações centrais.

A vida no campo adquiri uma forma secundária para os excluídos dos círculos das grandes propriedades de exportação, posto que ocupam lugar de prestígio. Ademais, o processo de modernização do campo reduz a necessidade de mão-de-obra numerosa. A elite argentina participou ativamente da fase agroexportadora, porque os recursos concentrados nas classes distinguidas da capital rio-platense não tinham paralelo na América Latina. Lembra-se que a produção de São Paulo e o PIB brasileiro eram menores e correspondiam a uma população, aproximadamente, três vezes maior. Na região rio-platense, na fase descrita, os artigos eram a carne, bovina em sua maior escala, e grãos, em modelo peculiar, cujos cultivos de maior valor eram os cereais e as oleaginosas em alternância de acordo com o preço de mercado e a rentabilidade. Em razão dos quatro, as plantações mais comuns - o trigo, o linho, o milho e o girassol - compõem um quadro distinto se comparado à incidência das monoculturas latino-americanas.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Informações sobre o PIB da América Latina. BERTOLA; O CAMPO, 2010, p,111.

Em seus anos de apogeu, quando a Inglaterra se posicionou como eixo hegemônico, os produtos primários destinavam-se ao continente nuclear do comércio internacional. Contudo, depois de 1945, a Europa está em reconstrução e com poucas demandas de importação, ao passo que os comerciantes do Rio da Prata sofrem uma série de restrições devido à postura de neutralidade no decorrer do conflito armado mundial. O declive do antigo sistema liderado pelas sociedades europeias é evidente, e há uma reorganização de forças na tentativa de adaptação à nova ordem. Outros movimentos ocorrem em dito período: no ocidente, os Estados Unidos se afirmam como potência enquanto no oriente, a União Soviética amplia sua área de influência quando Checoslováquia e Polônia se converteram em partes do bloco socialista e um novo marco nas relações de poder encerra o processo revolucionário na China. As fases iniciais nas quais se sentiram as hostilidades da guerra fria também resultam no momento em que o mundo se encontra dividido entre os polos permeados pelo capitalismo e socialismo. A descrição do panorama se justifica porque os eventos aludidos coincidem cronologicamente com o informe de Raul Prebisch.

A ordem mundial reformula-se e os desafios ocasionais para a América Latina é uma preocupação do funcionário da CEPAL. A necessidade de industrialização prevaleceu como um argumento pelo qual o teórico visualiza a inclusão da periferia na modernidade, em condições atraentes se comparadas às carências daquele momento. Ressalta-se que, nas análises de Prebisch, o aspecto da estagnação é uma característica das economias locais, o que culminaria na diminuição da sua importância no mercado internacional e, a este respeito, havia uma expectativa de reordenamento. Acreditava-se que as opções encontradas nas sociedades externas ao Ocidente, que em versão ampla inclui o continente americano, não eram atrativas para as classes dirigentes regionais, razão pela qual decidiu se orientar para o posicionamento no capitalismo. A melhoria do comércio exterior cria demandas internas nas quais numerosos contingentes de indivíduos se inserem produtivamente no mercado interno. Isto,

sem perder de vista um de seus fundamentos de gerar internamente bens de consumo para as classes de altos rendimentos.

A necessidade de promover o desenvolvimento industrial apresenta-se de forma desigual, sendo pujante em alguns lugares e naturalmente mais débil em outras áreas da América Latina. Nos últimos anos da quarta década, um dos fatores centrais esteve na demanda de consumo dos grupos de elites nacionais e a pauta de substituição de importações atende a tais demandas. As frações numerosas empobrecidas, por sua vez, conservam um estilo de vida básico, com baixo consumo. Porém, a implementação das leis de trabalho e o incremento das remunerações modificam a e conferem mais protagonismo aos grupos descritos. Outro aspecto determinante consiste na participação dos gêneros primários na lista reduzida de importações estadunidenses, algo decisivo para obter divisas em moeda forte com a agroexportação. Com uma demanda interna por consumo alta e um comércio externo pouco lucrativo, o momento para desencadear o processo de industrialização se converte em necessidade de primeira ordem.

A inserção das exportações primárias do Rio da Prata na nova ordem mundial, consolidada no pós-guerra, não pode se manter com o mesmo dinamismo e rentabilidade. Os Estados Unidos, formados por um amplo território, detém uma variedade de matérias primas, incluídos produtos da agricultura temperada e da pecuária. Verifica-se, deste modo, que a criação de barreiras contrárias ao comércio rio-platense também se acentua por razões da complementariedade, já que ambos produzem gêneros similares em grande escala. Na lista de importação dos Estados Unidos, o espaço ocupado por bens de origem argentina é baixo e se mostrou com poucas perspectivas de aumento, o que estabelece um olhar desalentador para o futuro. Inaugura-se um período de crise do qual não se vislumbra esperança de superação, logo a mudança diante de tal cenário é urgente.

Em razão da agricultura correlata, um valor reduzido de dólares chegaria ao Rio da Prata e, somado a isto, estão os hábitos das classes altas, que concentravam recursos financeiros na América Latina. Sendo assim, havia

demanda de artigos industrializados para os setores distinguidos da sociedade, ao passo que se escasseava a moeda forte para importá-los. A substituição de importações assinalada por Prebisch, especificamente no ano de 1949, se conecta com centralidade às necessidades que são cruciais em sua sociedade de origem por ocasiões de momento, suas reflexões englobam à periferia próspera, alimentam-se da experiência de vida e se conectam ao longo histórico de inserção na coletividade. Também atingem, parcialmente, outros núcleos dinâmicos da região, os da Cidade do México e de São Paulo, os centros que enfrentaram processos descritos como de natural produção local de artigos análogos às importações, de boa integração ao comércio internacional e de apoio no mercado interno (FURTADO, 1978, p. 119).

A necessidade de inserção na confecção de artigos industriais era um tema de época. A ação gradual de substituir o que já estava inserido nos hábitos de consumo se apresenta menos viável em localidades de inserção limitada na dinâmica comercial internacional. Na região andina e caribenha, países como Equador e República Dominicana tinham baixa tendência de acumulação de recursos intrínsecos se comparados aos centros mencionados anteriormente que concentram a produção de manufaturas na região. Não há uniformidade regional e um contingente expressivo da América Latina não começa o movimento produtivo de bens fabris. Outras interpretações contribuem para o processo industrial latino-americano que foram menos consultadas. No Brasil, Eugênio Gudín e Roberto Simonsen debatem os termos da industrialização nacional em momentos que antecedem os do Manifesto. Celso Furtado é o primeiro tradutor do relatório de 1949 ao português e o publica na Revista Brasileira de Economia do Rio de Janeiro, meses após sua apresentação na Cepal. Os leitores brasileiros se interessam pela contribuição do economista argentino e o presidente Getúlio Vargas o recebe pessoalmente no palácio do Catete antiga sede do governo federal em 1951.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> GENTIL; MARINGONI; TEIXEIRA, 2010.  
PREBISCH, 1949.  
FURTADO, 2014: 67-114.



Observa-se que o economista cepalino se converte em intérprete privilegiado do movimento de industrialização no modelo centro-periferia entre os outros pensadores de sua contemporaneidade. A centralidade da Argentina no espaço econômico sul-americano contribuiu para a difusão. O autor assume notoriedade e se consolida com a proposta permeada pelo uso dos recursos obtidos a partir da venda de matérias primas. Outros latino-americanos se somam intelectualmente e se debruçam sobre a temática. Abandona-se o antagonismo entre indústria e agricultura e fundamenta-se a agropecuária como setor estratégico na escala industrial, os grãos, minerais e a pecuária são uma verdadeira moeda de troca para a compra de bens de capital em processo gradativos de complexificação produtiva.

Identifica-se uma proposta industrial e latino-americana que se vale dos recursos internos para satisfazer as necessidades de consumo dos grupos de renda alta e de economia de dólares, uma reserva de valor escassa no momento. O modelo prevê uma rede especializada em reproduzir os artigos importados com mão de obra local *e in loco*, abastecendo a América Latina de bens de consumo-capital. Prebisch critica o desperdício de divisas com as compras de objetos de luxo importados para atender os anseios de consumo das classes altas. A seu ver, seria mais eficiente a alocação em bens de capitais que aumentam a produtividade. A crítica contudo não se antagoniza à estruturação do setor agroexportador e as partes que o compõe, porque a análise de seu manifesto confere a persistência da manutenção no nível de consumo dos estratos mais altos da sociedade adquiridos durante o período de hegemonia inglesa. No entanto, estão redesenhados para ocupar mão de obra e recursos produtivos locais.

---

PREBISCH, RAUL. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. Revista Brasileira de economia. Julho, Rio de Janeiro, 1949. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/2443/1767> Acessado em 31/03/2021.

Diário de Notícias, 28 de agosto de 1951. Uma pequena nota informa a chegada do Secretário Executivo da Comissão Econômica da ONU para a América Latina. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/11586](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/11586) Acessado em 03/04/2021.

Com a industrialização no modelo centro e periferia se promove: o aumento de empregos em atividades produtivas e rentáveis no espaço urbano, algo que se converteu em fator de primeira necessidade; economia em moeda forte, favorecendo a capacidade de poupança e investimento na esfera doméstica; o benefício da contenção dos ciclos inflacionários resultantes do gasto em dólares para a aquisição de bens, demandados por indústrias e estratos de alta renda; melhoria da técnica aplicada à produção; contribuição para o avanço das condições de vida das multidões reunidas em centros urbanos.

Desde uma perspectiva a longo prazo, América Latina é reconhecida pela formação de sociedades marcadamente desiguais nas quais as elites reproduzem um modelo de vida de matriz europeia. Em contraponto, um número significativo de populações empobrecidas compostas por povos originários, de ascendência africana e europeia, é condicionado a postos de baixo rendimento e com a perspectiva de progredir na medida em que se elevam os ganhos de produtividade. Este é um plano que, supostamente, adapta-se à coletividade, mas não simultaneamente. Um chamado à industrialização que financia o consumo das classes altas por meio de mercado interno de maneira imediata e assinala para uma próxima etapa as melhores condições de vida para as classes mais numerosas. Uma solução para o crescimento econômico dentro da ordem que afasta da radar político das classes menos favorecidas as demandas de natureza revolucionária para alterar o regime organizacional da sociedade.

A ordem dos comerciantes agroexportadores se delinea como um planejamento econômico bem definido de uma sociedade que conserva suas características hierárquicas. Uma vez implementado de maneira satisfatória, os estratos intermediários desta relação são conduzidos a salários mais atrativos, os benefícios são atribuídos aos empregados das atividades de maior produtividade nas áreas urbanas, formam-se as classes médias nas grandes cidades. O êxito alcançado proporciona bem estar e consumo aos núcleos mais distinguidos, empregos com remunerações médias aos seletos estratos

intermediários e uma promessa de inclusão das frações mais numerosas da sociedade.

### **Reflexões conclusivas.**

O estudo opta pela análise dos eventos com ênfase em seus antecedentes. Sabe-se que os personagens do estudo não conhecem, de antemão, os desdobramentos posteriores de seus atos. Portanto, investigaram-se os precedentes tanto da sociedade argentina quanto da vida pessoal do intelectual cepalino, de modo que as passagens através das estruturas de poder e do entorno social explicam os detalhes analisados no relatório. O processo de pesquisa revisitou as cláusulas do tratado assinado por Roca-Runciman e reconheceu sua influência no pensamento comercial do momento. O acordo evidenciou as questões de identidade econômica e natureza produtiva e comercial da Argentina e, nesta perspectiva, por extensão, da América Latina. Sendo assim, conclui-se que os aspectos subjetivos das transações comerciais também são relevantes, constatou-se a predileção de seu sistema para a abordagem de sociedades com o cenário econômico mais robusto como os brasileiros e mexicanos.

O resgate do intercâmbio argentino-britânico aclarou as indagações sobre o pertencimento dos rio-platense às estruturas comerciais do império inglês. Os anos de prosperidade e de distinção da Argentina em comparação aos demais países da região latino-americana foram contemporâneos as conexões com os europeus insulares. A industrialização se propôs em um momento no qual a dinâmica agroexportadora se encontrava inviabilizada. Os traços subjetivos de tradição e prosperidade se vinculavam aos objetivos relacionados à dinâmica de preços oferecidos pelos recursos primários comercializados. Interpretou-se a leitura das cláusulas na assinatura de Roca-Ruciman como uma continuidade do comércio argentino de início do XX, um dos mais significativos embates entre o centro e a periferia.

O presente artigo assinalou que a luz excessiva dirigida à deterioração dos termos de troca se posiciona como uma barreira na qual os temas inerentes

aos valores da época do manifesto pela industrialização latino-americana são postos como secundários. A relação entre tradição e ganhos comerciais tem protagonismo na organização do processo fabril. A análise do relatório permitiu aguçar a reflexão sobre o processo de imposição de uma agenda agroexportadora nos debates do desenvolvimento nas sociedades dos espaços periféricos. O planejamento industrial se constituiu sobre a hegemonia das elites agropecuárias e extrativas.

Os relatórios que abordam os temas regionais, em um entorno complexo como a América Latina, sempre se defrontam com uma vasta heterogeneidade encontrada nos diferentes países que a compõe. A título de conclusão, cabe salientar que cada manifesto regional se elabora em um lugar específico, seja físico ou abstrato. Deste modo, encontraram-se características no objeto de estudo que o relaciona, mais precisamente, com as necessidades argentinas. No entanto, isto não reduz seu caráter latino-americano, ao contrário, o pensador da CEPAL aborda a industrialização em uma perspectiva que se origina nos problemas comerciais, de sua formação social de origem, e se expande em uma escola teórica internacional, a qual jovens economistas, de outras nacionalidades, se agregam.

### Referências

ARGENTINA. Ley 11.693 (225).- **Convención y Protocolo sobre intercambio comercial con Gran Bretaña e Irlanda del Norte, firmados en Londres el IV de mayo de 1933** (B.O.8/VIII/933).

DE LA TORRE, Lisandro. **Escritos y discursos. IV Las carnes argentinas y el monopolio extranjero**. Buenos Aires, Colegio Libre de Estudios Superiores, 1947.

ALIMONDA, Hector. Paz y Administración - Ordem e Progresso: **Economia exportadora e formas políticas na Argentina e no Brasil (1880/1930)**.1982. 360f. Tese de Doutorado em Ciências Políticas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

BARSKY, Osvaldo; GELMAN Jorge. **Historia del agro argentino, desde la conquista hasta comienzos del siglo XXI**. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

BERTOLA, Luis, O'CAMPO José Antonio. **Desarrollo, Vaivenes y desigualdad: una historia económica de América Latina desde la independencia**. Ciudad de México: Fondo de cultura económica, 2013.

BRAUDEL, Fernand. “**História e Ciências Sociais. A longa duração**”. In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp. 41-78.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **História Econômica da América Latina**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

CARDOSO, Fernando Henrique, FALETTO, Enzo. **Dependencia y desarrollo en América Latina (Ensayo de interpretación sociológica)**. Santiago, CEPAL, 1967.

D'AGUIAR, Rosa Freire. (2020). **Um encontro entre Celso Furtado e Fernand Braudel**. *Estudos Avançados*, 34(100), 279-290. Epub 11 de novembro de 2020.

DONGUI, Tulio Halperin. **Historia contemporánea de América Latina**. Madrid: Editorial Alianza, 2007.

\_\_\_\_\_. “**La CEPAL en su contexto histórico**”. *Revista de la CEPAL*, mayo de 2010. Pp. 55-76.

\_\_\_\_\_. **Revolución y guerra: Formación de una elite dirigente en la Argentina criolla**. Buenos Aires, Siglo Veintiuno editora, 2014.

DOSMAN, Edgar. **Los mercados y el estado en la evolución del "Manifiesto" de Prebisch**. *Revista de la Cepal*, Santiago, n. 75. p. 89-105, dezembro, 2001.

FILHO, Jair do Amaral. **Prebisch-Cepal: revisitando o "Manifiesto de Havana"**. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 1 (62), p. 29-59, abr. 2018.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **As origens e as vertentes formadoras do pensamento cepalino**. *Rev. Bras. Econ.*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 333-358, Sept. 2000.

FURTADO, Celso. “*O manifesto dos periféricos*” In: \_\_\_\_\_; **A Fantasia Organizada**. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 53-63

\_\_\_\_\_. **A economia Latino-Americana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

\_\_\_\_\_. **Obra autobiográfica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GENTIL, Denise Lobato; MARINGONI, Gilberto; TEIXEIRA, Aloísio. **Desenvolvimento: o debate pioneiro de 1944-1945, ensaios**. Brasília: Ipea, 2010.

GIRBAL-BLACHA, Noemí. ¿“La Argentina que no fue”? **Las economías regionales norteñas en la Revista de Economía Argentina**. Rosario: Prohistoria, 2018.

\_\_\_\_\_. **Raúl Prebisch y Alejandro Bunge: Alternativas agrarias y económicas más allá del manifiesto de 1949**. Buenos Aires: VII Jornadas de Historia de la Industria y los Servicios UBA / UNSAM. 12-13 de septiembre, 2019.

GONZALES, Norberto; POLLOCK. **Del ortodoxo al conservador ilustrado. Raul Prebish en la Argentina, 1923-1943**. Desarrollo Económico, vol. 30, no. 120, 1991, pp. 455–486.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 5a. ed, 1984.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos (1914-1991)**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

IANNI, Octavio. “**Enigmas do pensamento latino-americano**”. Revista de Estudos Avançados. São Paulo: IEA/USP, 2002.

KEYNES, J. M. **Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro: inflação e deflação**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KOLING, Paulo José. **Prebisch: a insuficiência dinâmica e integração**. Revista Tempos Históricos, Cascavel/PR N°01, v. 01 p. 93-134 Mar/1999.

LOVE, Joseph, L; BRAMBILA, Berta; BARACS, Andrea Martínez. **Raúl Prebisch y los orígenes de la doctrina del intercambio desigual**. Revista Mexicana de Sociología, Vol. 42, No. 1 (Jan. - Mar., 1980), pp. 375-405.

MELLO, João Manuel Cardoso. **O Capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira**. São Paulo, Editora brasiliense, 1988.

MENDONÇA, Sonia. “**Estado, Violência Simbólica e Metaforização da Cidadania**”. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, v. 1, 1996, p. 94-125.

\_\_\_\_\_. **O Ruralismo brasileiro**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Agronomia e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de leituras, 1998.

NOSIGLIA, Julio E. **El desarrollismo**. Centro editor de América Latina, Buenos Aires, 1983.

PREBICH, Raúl. “*Interpretação do processo de desenvolvimento econômico*” In: **Revista Brasileira de economia**. Ano 5, n. 1, março de 1951. p. 7-117

\_\_\_\_\_. **Problemas Teóricos y Prácticos del Crecimiento Económico**. 2. ed.; Santiago de Chile: CEPAL/ILPES, 1973.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo periférico: crisis y transformación**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

\_\_\_\_\_. “*Cinco etapas de mi pensamiento sobre el desarrollo*” In: **El Trimestre Económico**. (abril-janeiro, 1983) 98. p. 1077-1096

\_\_\_\_\_. **Obras 1919-1948**. Tomo I, II e II. Buenos Aires: Fundación Raúl Prebisch, 1991.

PRADO, Maria Lígia Coelho. “**A revista Cadernos do Nosso Tempo e a formulação do projeto desenvolvimentista**”. *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. Editado por Regina Crespo. Ciudad de México: Ediciones León, 1 a ed, 2010.

PREBISCH, Raúl. **El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas**. Santiago de Chile: CEPAL, 1949.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas (tradução de Celso Furtado)**. *Revista Brasileira de economia*. Ano 3, n. 3, setembro de 1949. p. 47-111.

RAPOPORT, Mario. **Historia económica, política y social de la Argentina 1880-2003**. Buenos Aires: Emecé, 2005.

\_\_\_\_\_. Raúl Prebisch: **historia, pensamiento y vigencia de la teoría de la transformación para el desarrollo de América Latina**. *Tiempo & economía* V. 3 N° 2 - II semestre de 2016 pp. 55-77

RIBEIRO, Vanderlei. **Cuestiones agrarias en el varguismo y el peronismo: una mirada histórica**. Bernal: Editorial Universidad Nacional de Quilmes, 2008.

SIKKINK, Kathryn. **El proyecto desarrollista en la Argentina y Brasil: Frondizi y Kubitschek**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

TORRES, Adriana Lopes. **Evolución y originalidad en el pensamiento económico y social de Raul Prebisch**. 208f. Tese (Doctorado) Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2016.

VALDÉS, Eduardo Devés. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX.** Tomo II. Desde la CEPAL al neoliberalismo (1950-1990). Santiago, Chile: Editorial Biblos -Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2003.

**Recebido em:** 21 de abril de 2021

**Aceito em:** 12 de abril de 2022